

Sukiyaki de domingo

Bae Su-ah



ROMANCE COREANO

Sukiyaki de domingo

BAE SU-AH

Sukiyaki de domingo

Tradução do coreano e notas de
Hyo Jeong Sung



Título original: *Sunday Sukiyaki Restaurant*

© Bae Su-ah, 2003

© Editora Estação Liberdade, 2014, para a presente edição

Revisão Vivian Miwa Matsushita
Composição Miguel Simon
Capa Isabel Carballo
Editor assistente Fábio Fujita
Editores Angel Bojadsen e Edilberto F. Verza

A edição desta obra contou com subsídio do LTI Korea (Literature Translation Institute of Korea)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S932s

Su-ah, Bae, 1965-

Sukiyaki de domingo / Bae Su-ah ; tradução Hyo Jeong Sung. - 1. ed. -
São Paulo: Estação Liberdade, 2014.
304 p. ; 21 cm.

Tradução de: Sunday Sukiyaki Restaurant
ISBN 978-85-7448-242-2

1. Romance sul-coreano. I. Sung, Hyo Jeong. II. Título.

14-12690

CDD: 895.7

CDU: 821(519.5)

30/05/2014 04/06/2014

Todos os direitos reservados à Editora Estação Liberdade. Nenhuma parte da obra pode ser reproduzida, adaptada, multiplicada ou divulgada de nenhuma forma (em particular por meios de reprografia ou processos digitais) sem autorização expressa da editora, e em virtude da legislação em vigor.

Esta publicação segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008.

Editora Estação Liberdade Ltda.
Rua Dona Elisa, 116 | 01155-030 | São Paulo-SP
Tel.: (11) 3661 2881 | Fax: (11) 3825 4239
www.estacaoliberalidade.com.br

Sumário

- Sukiyaki* de domingo 9
- Mandu*, bucho e queijo 19
- Sociedade matriarcal 31
- Santa mãe e filha 43
- Retrato de um intelectual 67
- A rainha da neve 79
- Dois pombinhos fofos 113
- Modelo de pelos púbicos 127
- Viagem a um paraíso desconhecido 141
- Cão amarelo 159
- Gang-shi* 175
- Um dia negro 191
- Mas, vem cá. Você tem alguma coisa para comer, aí? 207
- Estou apenas, apenas rabiscando... 225
- Contrabaixo 241
- A triste sociedade miserável 259
- Um mero ser humano cruelmente pisoteado 275
- Palavras da autora 297

Sukiyaki de domingo

Naquele dia, ele propôs ir ao restaurante de *sukiyaki*.

A esposa de Ma¹ estava em pé, mordendo os lábios, e logo se pôs a chorar. Ma estava tirando a cinza de cigarro do lixo ao lado da cama, mas como estava com preguiça de levantar, ficou apenas olhando a cinza fedorenta se esfarelar no ar. O lençol estava cheio de manchas de urina de gato.

— O que foi? — perguntou Ma, mostrando-se impaciente ao ver que a mulher chorava.

— Não temos dinheiro.

— E isso lá é motivo para chorar? Droga.

A esposa de Ma, Kyung-sook Don², estava tirando a roupa da lavadora, movendo devagar seu corpo pesado, mais forte do que gordo, de mais de setenta quilos.

— E isso lá é motivo para chorar? Droga — repetiu Ma. Até teve vontade de dizer outra coisa, mas nada lhe vinha à cabeça. Ele deitou o corpo esguio de 55 quilos virado para o lado oposto, imaginando o doce odor de cogumelo *shiitake* embebido em molho *katsubushi* que lhe tirava o fôlego. Droga, mas era verdade: não tinham dinheiro.

— Além do mais, a gente não pode sair hoje — disse Kyung-sook Don, passando as costas da mão no nariz para limpar a secreção brilhante que escorria.

1. Ma: “Cavalo” na fonética da língua coreana.

2. Don: “Dinheiro” na fonética da língua coreana.

— Posso saber por quê?

— A minha única roupa de sair está na lavanderia e só tenho sapatos sem sola. E olha o meu cabelo! Faz tanto tempo que não vou ao salão que o meu cabelo parece mais um novelo de linha enrolado por uma louca desvai-rada. Como é que você quer que eu saia desse jeito?

Kyung-sook Don estava certa. Os seus seios estavam es-premidos num velho sutiã de algodão. De vez em quando se via através da camisola sua barriga flácida que contras-tava com as coxas rosadas, tão firmes e duras que chega-vam a dar medo. As batatas da perna eram tão finas que formavam um equilíbrio peculiar, não combinando nem um pouco com o resto do corpo. Movia-se com aquelas perninhas por todos os lados do quarto. Parou em frente a Ma, tomando-lhe o cigarro da boca e pondo na sua. Ma irritou-se com isso e pensou em chutá-la, mas ficou com preguiça e mudou de ideia. Será que estava protestando pelo fato de Ma não ter dinheiro?

— Fora que hoje temos visita.

— Que visita?

Ma ficou surpreso. Quem é que visitaria esta maldita casa?

— Então, vá colocar uma roupa ao invés de perambu-lar por aí balançando esse trequinho do tamanho do pinto de um sapo.

— Hum. Todo esse cuidado para receber quem? Nem parece você.

Ma se levantou e ficou sentado sobre a cama, coçando as axilas com cara de quem está morrendo de preguiça. Como disse Kyung-sook Don, ele estava nu e ela, de ca-misola. As axilas de Ma tinham o mesmo fedor da virilha de Kyung-sook Don.

— A sua ex-mulher.

— O quê?

— Está surdo, é? A sua ex-mulher ligou falando que vinha hoje.

— Desgraçada! E você disse que podia vir?

Era raro ver Ma se irritar e blasfemar. Seu semblante foi se enchendo de tensão.

— E você quer que eu desperdice o meu domingo assim?

Ma ficou com a boca seca. Depois do acidente de carro, esse sintoma sempre acontecia nos momentos de nervosismo.

— Desperdiçar o domingo? Mas você nem trabalha!

Kyung-sook Don tirou do varal um vestido florido e berrante ao estilo havaiano para vestir, e procurou um elástico para amarrar os cabelos. Como Ma não podia fazer nada, puxou o cobertor e se cobriu até a cintura. A sua garganta estava tão seca que acabou arrotando.

— A que... a que horas ela vem?

— Às três.

— Mas já são três horas.

— É por isso que disse que a gente não podia sair.

A conversa do casal nem tinha acabado quando a campainha tocou. Kyung-sook Don engoliu seco.

— Acho que ela chegou.

Virou-se e foi abrir a porta.

— Escuta, mas ela está vindo por quê? Ela não tem nada para fazer aqui, ou tem? Posso saber ao menos o motivo da visita?

Enquanto Ma gritava essas frases, a ex-mulher já estava tirando os sapatos para entrar.

— Oi, ex-mulher — cumprimentou Ma, meio sem jeito.

— Esqueceu-se do meu nome, então.

A ex-mulher de Ma não se surpreendeu com a casa desarrumada. O gato olhava Kyung-sook Don tirar a pilha de roupa seca do sofá, com os olhos repletos de fúria, mas acabou fugindo. O sofá fedia, mas era o único lugar onde a visita podia se sentar. Havia também a cama onde Ma estava deitado, mas isso parecia não agradar à ex-mulher.

— Nossa, a sua meia-calça é toda bordada — disse Kyung-sook Don, olhando para as pernas da ex-mulher.

— E como vai a saúde?

Com certeza o motivo da visita seria outro, mas a ex-mulher perguntou por educação.

— Bem, bem.

Ma mal tinha acabado de responder quando parte do seu rosto se deformou numa convulsão muscular. Babava pelo canto da boca, prova de que estava mentindo. Mesmo assim ele sorriu.

— Como pode ver, eu vou bem. E muito bem acompanhado.

— As crianças vão bem.

— E eu perguntei?

— A menina entra na escola no ano que vem. Você está sabendo disso?

— E eu com isso? Está querendo que eu pague as mensalidades?

— Não, o que eu quero dizer é que você, como pai dela, podia vir no primeiro dia de aula para...

— Ah, cala a boca.

— A sua filha gostava tanto de você.

— Que história é essa? E além do mais, as aulas só começam daqui a meio ano. Você veio até aqui para falar disso?

— Isso mesmo. Eu sabia que você ia dizer não, mas mesmo assim eu quis vir, porque fiquei com dó da minha filha. Ela esperou tanto a sua ligação no dia do aniversário dela. Não sei o que dizer às crianças. Como é que eu vou explicar essa mudança para elas?

— Isso não é da minha conta, mas fico feliz em rever a sua bunda.

— Como... como você é vulgar — a ex-mulher fingiu olhar para a janela para esconder a expressão de decepção. — Você não era assim antes do acidente. Você se esqueceu? Éramos tão felizes.

— Sou mais feliz agora.

— Você nos trouxe o inferno e está feliz sozinho, é isso?

A ex-mulher deve ter planejado uma visita alegre. Mas, aparentemente, não conseguiu reprimir a raiva que subiu do fundo do coração ao ver o estado desprezível de Ma. Ele era o homem que ela amara e com quem se casara. A ex-mulher olhou para o outro lado e deu de cara com Kyung-sook Don sentada no sofá, observando os dois. O olhar dos três se entrelaçava desordenadamente nesse espaço minúsculo. A respiração dos três foi ficando mais forte.

— Querido, acho melhor você ir — disse Kyung-sook Don pausadamente.

— Eu vim porque a sua filha está morrendo de saudades do pai. Você acha que foi fácil para mim vir até aqui? Mas você não tem um pingão de sensibilidade, não é?

— Exa xaiva num paia discoié... (Essa saliva não para de escorrer.)

Kyung-sook Don não teve outra opção senão colocar o prato do gato em frente à boca de Ma. Assim que ela o colocou, Ma cuspiu a baba, estremecendo todo.

— Então, você vai ou não? — pressionou Kyung-sook Don.

— Não, não vou.

— Pense direitinho.

— Eu penso é na sua boceta.

Kyung-sook Don olhou para a ex-mulher levantando os ombros, como se dissesse que havia feito o possível. E disse à ex-mulher:

— Está vendo? Não tem jeito.

A ex-mulher se levantou.

— Eu não aguento mais. Vou dizer às crianças que o pai delas morreu. Vai ser mil vezes melhor para elas. Ninguém pode dizer que não tentei.

— Então, dá o fora daqui.

— Você nunca mais vai nos ver de novo. Nem eu e nem as crianças.

— Hunf.

— Maldito o dia em que te conheci. Seu... seu porco!

— Esse foi o pior palavrão que você achou?

Foi Kyung-sook Don que acompanhou a ex-mulher até a porta. Ela a consolou.

— Entenda. É que ele está com fome.

— Há dois anos ele era professor de uma universidade nacional.

— Não sei como ele era dois há anos, mas agora...

— Ele era um cavalheiro. Era tão educado.

— E o que adianta falar disso agora?

Sentindo uma coceira na cabeça, Kyung-sook Don enfiou o dedo no coque. Ela franziu a testa enquanto coçava a cabeça e várias rugas bem profundas se tornaram visíveis.

— Mas, vem cá. Você tem algum dinheiro com você aí?

— ...

— Quando ele fica com fome sempre fala besteiras. E hoje veio com essa história de que estava com vontade de ir comer *sukiyaki*. Que coisa, não? E ainda faltam uns quinze dias para a gente receber algum dinheiro.

— *Sukiyaki*?

— É. Com cogumelo.

— Ele sempre gostou disso.

— Pelo menos disso ele não esqueceu.

— Dinheiro, pois não — a ex-mulher juntou o que tinha na bolsa. — É tudo que tenho.

A ex-mulher tirou todas as notas da carteira e entregou a Kyung-sook Don.

— Isso é mais que suficiente. Não se preocupe, pois conhecemos um restaurante baratinho. Fica ali na rua da feira, as mesas ficam na rua mesmo e tem uma panela de *sukiyaki* pendurada por fora. Está certo que esse restaurante está mais para uma barraquinha. Não sei por quê, mas Ma chama esse lugar de “restaurante de *sukiyaki* de domingo”. Ele gosta muito do lugar.

A ex-mulher ficou parada no topo da escada. Com cara de quem estava prestes a cair no choro a qualquer momento.

— O que as crianças vão pensar ao saber do estado

do pai delas? A menininha nem entrou na escola ainda... Você não tem ideia de como ela é meiga. E sempre quer falar do pai...

— Então as crianças são apenas um pretexto para você dar em cima do meu marido, não é?

— O quê?

— Está pensando que eu sou o quê? Não vem que não tem! Não importa que você seja rica. O marido agora é meu. Ele pode ter sido o seu marido no passado, mas agora ele é meu. Como é que a gente vai viver em paz com você vindo o tempo todo dando a desculpa das crianças? Isso aqui pode não parecer, mas é o nosso lar. Está entendendo? É melhor você parar com esse seu fingimento.

— Mas... como é que você pode falar assim? Eu... eu liguei antes pedindo sua permissão para vir.

— Pois é isso mesmo. Se está com tanta dó do pai dos seus filhos, então por que você não traz um pouco de grana? Não está vendo que a gente é pobre? O seu ex-marido, um intelectual de merda, nunca trouxe um tostão para casa desde que está casado comigo. Ouvi dizer que ele ganhava bem. Não acha justo dividir isso comigo agora?

— Esse dinheiro que te dei é tudo o que tenho. Eu não sei do que vou viver com as crianças de agora em diante. E como você pode falar de dinheiro comigo tão vulgarmente assim? Não dá para entender como o pai dos meus filhos foi se casar com uma mulher como você. Ele deve estar louco! Só pode ser isso. Você sabe por que a família dele cortou as relações com ele? É por causa de você, sua...

— Fora daqui! — gritou Kyung-sook Don, franzindo a

testa. Agarrou um tijolo que estava no canto do corredor e quis jogá-lo. — Vá embora, sua cachorra! E nem pense em ver esse dinheiro de volta.

O pavor transparecia no rosto da ex-mulher.

— Anda, anda, dá o fora daqui! Acha que o meu marido vai olhar para você só porque está usando uma meia-calça bordada, é? Você é uma vadia como todas as outras. Só sabem rebolar com saltos altos nos pés.

Lágrimas escorreram dos olhos da ex-mulher. Kyung-sook movimentou violentamente os braços, ameaçando-a. Esse movimento era suficiente para mostrar uma força anormal. Só depois de ter visto a ex-mulher desaparecer escada abaixo é que Kyung-sook Don largou o tijolo no chão e virou as costas.

— É isso aí, o que é que ela pode fazer contra mim? É uma covarde que só fala — Kyung-sook Don limpou as mãos batendo uma contra a outra. — Você não vai se levantar?

Quando ela entrou no apartamento, Ma continuava na mesma posição, meio adormecido, com um monte de baba ao redor da boca. Kyung-sook Don tirou o lençol de Ma com força.

— Perguntei se você não vai se levantar!

— Levantar para quê? Para ficar com mais fome?

— Você não estava com vontade de comer *sukiyaki*?

— Mas não temos dinheiro.

— Limpa a baba e vai colocar uma roupa. Vamos sair. Vamos comer *sukiyaki*.

— Você tem dinheiro? — perguntou Ma todo contente, sentando-se sobre a cama.

— Peguei emprestado — respondeu Kyung-sook Don secamente, porém cheia de si.

— Para onde vamos?

Ma estendeu a mão para pegar a calça no canto do sofá, mas não alcançava. O braço estendido de Ma tremia todo, tentando alcançar a calça amarrotada. Kyung-sook Don pegou o pano de prato que estava na pia enferrujada para limpar a boca de Ma. A baba deixou uma mancha preta no pano.

— Para o restaurante de *sukiyaki* de domingo.

— Está bem.

Ma abriu a boca. Estava com água na boca só de pensar no restaurante. Engoliu a saliva fazendo um ruidoso barulho. Kyung-sook Don pegou a camisa de Ma do meio das roupas tiradas da lavadora. A camisa ainda não estava seca. Mas Ma não se importou. Estava com tanta fome que chegou a titubear.

— Ah, a gente tem o direito de comer tudo o que tem vontade. Afinal, um morto não come.

Ma resmungou.

— Seu imundo desgraçado.

No momento em que Ma coçou a cabeça, uma bolota de sebo gorduroso caiu no chão, fazendo até um barulho. Kyung-sook Don xingou o marido, dando-lhe um tapa nas costas.

— Não quero ouvir esse tipo de besteiras no restaurante, viu? Se continuar com isso, não vai ter *sukiyaki*.

— Ah, a gente tem o direito de comer tudo o que tem vontade... Ai, estou babando.

Um grande sorriso, de boca aberta, se formava no rosto de Ma. O gato, vindo de um canto do quarto, lambia o sebo que havia caído da cabeça dele.

Mandu³, bucho e queijo

Hye-jeon Park, a ex-mulher de Ma, o conheceu aos 23 anos e se casou com ele aos 24, no ano em que terminou a universidade. Por isso ela nunca tinha tido um emprego fixo e nunca havia ganhado dinheiro em troca do seu trabalho. Mas isso não queria dizer que ela tinha sido criada numa família rica ou que era histérica demais para não suportar trabalhar com outras pessoas. As suas notas na escola estavam sempre na média, isto é, não eram nem boas nem ruins. Os colegas de classe não se lembram dela com exatidão. A sua altura e o seu peso também ficavam na média. Não uma média no sentido positivo, mas no sentido de passar despercebido.

O pai de Hye-jeon Park era taxista e a mãe era dona de um mercadinho na periferia. Eles não eram ricos, mas tampouco pobres, eram trabalhadores comuns. Hye-jeon Park não era teimosa e nem gostava de sofisticação ou luxo, não tinha talento especial em dança ou canto e não era afeita a coisas exóticas. A sua aparência era mediana. Seria impossível chegar a pensar em se tornar uma modelo ou atriz com essa aparência, mas também não era feia a ponto de recorrer a cirurgias plásticas para poder se casar com um homem como Ma. A personalidade de Hye-jeon Park, assim como a sua vida, correspondia à sua aparência.

3. *Mandu*: espécie de pastel com recheio variado, popular na cozinha coreana.

Não era especialmente feliz e nem havia passado por momentos trágicos ou desesperadores. Se ela não tivesse se casado com Ma, provavelmente estaria trabalhando num banco ou numa cooperativa. Com mais idade e dinheiro, estaria gerenciando uma biblioteca ou um mercado. Mas depois do casamento com Ma, ela largou o trabalho. Tudo o que fez foi ter dois filhos. O pai de Hye-jeon Park não escondia o orgulho de ter um genro professor de universidade nacional. “Boa tarde, que belo dia, não? Pegando táxi com uma pasta executiva em frente a uma universidade... ah... o senhor deve ser professor universitário, não é? Que coincidência, pois o meu genro também é professor de universidade nacional. Contratado oficialmente pela universidade. Estou falando do meu genro, o marido da minha filha. Eu sempre o chamo assim. Ô, vem aqui tomar uma bebida comigo. Ah, o senhor não é professor universitário? É vendedor de livros? Desculpe. Mas vendedor de livros também é uma ótima profissão, sem dúvida nenhuma. Dizem que a venda é a melhor profissão nos dias de hoje, já que a renda é proporcional ao trabalho. Quanto mais se trabalha, mais se ganha.” Era mais ou menos assim. Hye-jeon Park acredita até hoje que toda a infelicidade de sua família começou pelo *mandu* com bucho daquela noite. O menino, com caxumba, tinha acabado de voltar do médico e Ma retornara cedo do trabalho. Acabara de terminar uma tigela cheia de arroz, uma tigela de sopa de algas com camarão e um prato de salada de pepino. Ma, uma pessoa extremamente magra, nunca tinha muito apetite, por não digerir muito bem. Mas naquele dia, mal pusera os pés em casa, foi logo pedindo o jantar dizendo que estava com fome. Como fazia pouco tempo

que voltara do médico com o filho, Hye-jeon Park ficou um tanto irritada, mas se apressou para fazer o arroz. Ma só comia arroz feito na hora. Enquanto Ma comia, Hye-jeon Park devia pegar a filha da casa da babá. O filho choramingava reclamando de dor enquanto Ma devorava a comida na mesa, sem ligar para as meias jogadas no sofá. A camisa de Ma estava desabotoada e a cada vez que ele engolia, suas magras costelas se movimentavam de maneira estranha. A sua barriga estava tão saliente, que constrangia. Mas mesmo assim Ma não parou de comer, dizendo que continuava com fome. De repente, Hye-jeon Park sentiu pena dele. Deve ter sido a primeira vez que ela teve esse tipo de sentimento desde que se casaram. Ma não era um homem digno de se ter pena. Antes de sair de casa, ela teve vontade de acariciar as costelas e a barriga de Ma pedindo que comesse devagar, que tomasse um gole d'água de vez quando. Mas ela ficou com vergonha. O casal não estava acostumado com esse tipo de cuidados recíprocos sem motivos. Vendo que Hye-jeon Park estava em pé, quase paralisada, Ma comentou, ao terminar de comer:

— Você não disse que ia buscar a menina?

Então Hye-jeon Park saiu de casa com pressa. Por mais que ela estivesse usando uma echarpe no pescoço e a gola do casaco estivesse levantada, sentia muito frio naquela noite de outono. A babá morava a apenas um quarteirão da casa deles. No caminho, Hye-jeon Park mergulhou nos próprios pensamentos.

Não há razão nenhuma para eu sentir pena dele. É isso mesmo. É mais do que lógico ele se sentir cansado depois de um dia inteiro de trabalho. Mas mesmo em casa, eu

também trabalhei tanto quanto ele. Eu cuido das crianças, cozinho, faço a faxina, ligo para os parentes dele perguntando como estão, lavo o seu chinelo, cuido do peixe dourado e limpo os pelos do gato. Sobretudo as crianças! As crianças são sempre um problema. Tenho que ajudá-las com a lição de casa, levá-las ao cinema e mandá-las para acampamentos. Ma pensa que eu passo o tempo sem fazer nada em casa e não sabe que eu fico ocupada o dia inteiro com esse trabalho tão valioso. Hoje também! Não tenho hora para terminar o serviço. Estou sempre à disposição. Ma é tratado como um rei desde o momento em que volta do trabalho. Também preciso saber exigir os meus direitos. Tenho que dizer “Eu também mereço descansar, pois me dedico às minhas funções”. Acho que vi num programa de tevê um psicólogo dizer que as mulheres não precisam se estressar por ser financeiramente dependentes dos maridos... Qual era mesmo a primeira coisa? Não lembro se era “mostre firmeza diante de questões financeiras” ou se era “eu também tenho o direito de me presentear com um casaco de pele”... Ai, esqueci de dizer a Ma que ele veio. Mas ele deve ligar mais tarde. Nesse momento, tenho que me concentrar na tarefa de ir buscar a minha filha. Nossa, nem vi a hora passar. A babá deve estar irritada. Eu disse que viria buscar a menina no máximo até as sete. Acho melhor não falar que me atrasei preparando o jantar do pai das crianças. Ela vai achar que eu sou uma mulher servil, daquelas que obedecem cegamente ao marido. Não digo isso de jeito nenhum. Está fora de questão.

Os pensamentos de Hye-jeon Park se entrelaçavam de modo desordenado na sua cabeça. Depois de tocar

a campainha da casa da babá, Hye-jeon Park supôs que ela provavelmente estava jantando, pois veio abrir a porta mastigando algo.

— A senhora se atrasou. A sua filha está brincando naquele quarto ali. Não passou mal e foi muito boazinha hoje. Nem chorou procurando pela mãe.

As crianças já tinham ficado várias vezes com essa babá, por isso estavam acostumadas com ela. Hye-jeon Park desamarrou a echarpe e enxugou o suor frio da testa.

— Nossa, a senhora está suando num tempo frio como esse? Não está doente, não? — perguntou gentilmente a babá, entregando-lhe uma toalha.

— Não, não. E me desculpe pelo atraso. Hoje foi tão complicado... Eu passei a tarde inteira no hospital e nem pude almoçar. Além do mais, o pai das crianças chegou cedo sem avisar e fiquei toda enrolada — Hye-jeon Park acabou dizendo a verdade por causa da amabilidade da babá.

— Que coisa. Os maridos não ajudam mesmo. Seria tão bom se eles soubessem que o melhor que eles podem fazer é jantar por aí antes de voltar para casa. Mas a senhora deve estar com fome se nem almoçou. Quer experimentar um *mandu*? É gostoso. Ainda está quente, acabei de comprar.

A babá trouxe o prato com o *mandu* quente e a menina veio abraçar a saia da mãe.

— Mamãe, o papai chegou? Eu quero ir para casa.

— Chegou sim. Vamos para casa — respondeu Hye-jeon Park à filha, já mirando fixamente o prato de *mandu*. Ela estava com tanta fome que os seus olhos estavam prestes a lacrimejar. O *mandu* fumegante parecia delicioso. Hye-jeon Park estendeu a mão para servir-se de um que a babá oferecia.

— Cuidado que ainda está quente.

Era delicioso. A massa do *mandu*, que exalava um odor saboroso, se rompeu sob os dentes de Hye-jeon Park, e a cebola, a acelga e o bucho bem picados se misturaram com o salmão temperado com queijo e pimenta-do-reino, enchendo a sua boca inteira. “É um sabor inédito”, pensou Hye-jeong Park.

— Que maravilha, nunca comi um *mandu* assim. Onde você comprou? — ela perguntou à babá, pegando no colo a filha que choramingava.

— Abriram uma barraquinha lá na rua. É um trailer que vende comida. Eu também experimentei pela primeira vez hoje. *Mandu* com queijo e bucho... diferente, não?

A gentil babá ajudou Hye-jeon Park a ajeitar a echarpe.

— Diferente mesmo.

Antes de sair da casa da babá, Hye-jeon Park deixou a vergonha de lado e pegou com a mão mesmo o *mandu* que sobrou no prato. Tinha um sabor que provocava arrepios. Para fruí-lo melhor, Hye-jeon Park saboreou devagar, mastigando sonoramente. De todos que provara até então, era o que tinha o melhor sabor.

“Acho que eu estava com fome. É por isso que fiquei tão maravilhada. Se não estivesse com fome, não me deixaria fascinar por um ou dois *mandus*.”

Foi o que Hye-jeon Park pensou ao avistar a placa “*Mandu*, bucho e queijo” no fim da rua da casa da babá. Mas foi difícil resistir à lembrança da doce, saborosa e tenra tentação. Ela juntou todo o dinheiro que havia na carteira e voltou para casa com *mandu* nas mãos. Assim que abriu a porta de casa, a menina foi logo correndo em direção a Ma, que estava jogado no sofá. Por mais que

estivesse cansado, no seu estado normal Ma teria abraçado e brincado com a filha, mas naquele dia tudo foi diferente. Por mais que a menina chamasse pelo pai, ele não lhe dava atenção.

— O que você tem na mão? — perguntou Ma, devorando com os olhos o *mandu* que Hye-jeon Park segurava.

— É *mandu* — limitou-se a responder Hye-jeon Park.

— Que bom, eu estava mesmo com fome. Dê-me isso aí — Ma se levantou do sofá empurrando a filha para o lado e seguiu em direção ao *mandu*.

— Espere um pouco. Vou trazer o molho de soja. Mas você já não comeu bastante no jantar?

Ma já devorava o *mandu* antes mesmo de Hye-jeon Park terminar de falar. Comia com tanta voracidade, que um monte de *mandu* misturado com saliva escorreu da sua boca.

— Espere um pouco. Você está muito estranho hoje. Está com tanta fome assim?

— Não sei por quê, mas continuo com fome.

Hye-jeon Park conseguiu comer apenas um dos *mandus* que comprara. E estava surpresa com o apetite monstruoso de seu marido. Ma sempre reclamou da própria magreza. “Será que ele tomou algum remédio para abrir o apetite e engordar um pouco?”, pensou Hye-jeon Park antes de dormir.

Depois de pegar no sono, Ma se levantou antes mesmo da meia-noite. Arrotava sem parar, a testa e a cabeça molhadas de suor. Tossiu seco como se estivesse com falta de ar e chegou a cuspir sangue. Os lábios incharam como um rato morto. Hye-jeon Park tinha se deitado tarde por causa da caxumba do filho, mas voltou a se levantar por causa

do marido. Ela lhe deu remédio contra má digestão, fez compressa de gelo e lhe deu até um emético, mas nada de ele melhorar. Ma ficou até as duas da manhã vomitando o *mandu* que comera durante a noite, mas parecia que o bucho do recheio estava bem grudado no estômago de Ma, curtindo o sofrimento dele. No meio da madrugada, ele finalmente caiu no chão molhado do banheiro, chorando, sem forças. Hye-jeon Park chamou uma ambulância.

Assim, Ma foi levado ao hospital onde ficou internado durante uma semana. No início, os médicos diagnosticaram uma hérnia de abdômen e alguns diziam que era convulsão estomacal. Hipóteses como colite nervosa, alergia estomacal, hipersensitividade, epilepsia, convulsão ou até mesmo infecção alveolar foram consideradas, mas ninguém conseguiu cravar o que era. O fato é que Ma passara mal e a causa, com certeza, tinha sido a enorme quantidade de comida daquela noite. Será que havia algo de errado com o *mandu*? No entanto Ma não era o único a ter comido *mandu* naquela noite. A babá e Hye-jeon Park comeram igualmente. A única diferença estava na quantidade, mas todos haviam comido *mandu* naquela noite. Uma semana mais tarde, as dores de Ma melhoraram e ele teve alta. Hye-jeon Park trouxe o marido de volta para casa jurando que nunca mais comeria bucho ou *mandu*. A caxumba do filho sarou sem ninguém perceber. As crianças ficaram tão chocadas com o fato de o pai delas também poder ficar doente, que esqueceram por um momento de atormentar a mãe com dorzinhas.

Na tarde em que Ma teve alta, Hye-jeon Park resolveu passar roupa na área de serviço toda ensolarada. O último raio de sol da tarde coloria tanto o jardim quanto a área

de serviço que tinha cor de mel. As crianças brincavam no segundo andar e Ma dormia no quarto. Ele estava muito magro por não ter conseguido comer bem depois da internação. Já era magro antes, mas agora estava com as costelas parecendo as de um faquir. Como as dores estomacais foram tratadas no hospital, agora era preciso alimentá-lo bem. Por isso a mulher lhe preparou um belo *gomguk*.⁴ Mas Ma mexeu e remexeu a sopa para verificar se cheirava a bucho e não tomou mais do que algumas colheradas.

— Aonde você vai? — perguntou Hye-jeon Park, quase gritando de susto. Ela não tinha percebido que Ma estava em pé atrás dela como um esqueleto, vestindo uma camisa desabotoada.

— Ao barbeiro.

— Tem certeza? É verdade que o seu cabelo está um pouco comprido, mas para quem está doente isso não é importante. Você deve descansar. É o que disseram lá no hospital também.

— Os médicos não sabem de nada. Eu me conheço melhor do que eles. Naquele dia, eu simplesmente comi demais. Na verdade, fiquei com vontade de ir tomar um pouco de ar fresco e dar uma caminhada. Não aguento mais ficar deitado. É sempre bom se mexer um pouco, não?

— Então espere um pouco, querido. O que você acha de eu terminar de passar essas roupas aqui e ir com você?

Assim que terminou a frase, Hye-jeon Park se arrependeu. Ela não tinha pensado que estava sem fazer os pés e

4. *Gomguk*: sopa espessa de carne e osso, cozida durante várias horas, servida geralmente com arroz.

as mãos, que não tinha lavado os cabelos já havia alguns dias e que estava com o rosto todo manchado por não ter tirado a maquiagem com cuidado desde que voltara do hospital. Ela não tinha pensado que poderia sair de casa e, além do mais, ela esteve muito ocupada durante a internação de Ma.

— Não, não se preocupe comigo. Não estou à beira da morte, estou?

— Tome cuidado, então. Mas tenho que te dizer uma coisa.

Enquanto Hye-jeon Park dizia isso, Ma já estava saindo pelo portão. Ela queria falar da visita de Doo-yeon Baik de uma semana atrás, no dia em que Ma passara mal. Doo-yeon Baik era um amigo dele da época do colegial e da universidade, com um pouco mais de idade, e eles eram relativamente próximos. Como moravam em cidades diferentes, cada um com a sua respectiva família, e trabalhavam em áreas diferentes, os dois não podiam se ver com frequência. Doo-yeon Baik era alto e forte, tinha as mãos sempre bem cuidadas e os dentes reluzentes de tão brancos. Diferentemente de Ma, Doo-yeon Baik parecia usar uma armadura robusta sobre o corpo. Ele seria capaz de comer até cem *mandus* de bucho sem dificuldade. Mas não era gordo a ponto de parecer lento. Dava a impressão de cuidar do físico com regularidade. Tinha ar de ser frio, mas alguns diziam que havia uma certa empáfia de intelectual. O que Hye-jeon Park mais gostava nele era a sua beleza máscula e essa imagem de intelectual (Ma era professor universitário, mas não passava tal imagem). Ela estava contente pelo fato de seu marido ter um amigo assim.

Pois aproveitando que tinha vindo a Seul tratar de negócios, Doo-yeon Baik aparecera naquele dia sem avisar, para ver o amigo de longa data. Ele viera lhe fazer uma surpresa, mas Ma não tinha voltado da universidade e nem respondia ao telefone do escritório. Mostrando-se decepcionado, Doo-yeon Baik disse que tinha de ir, pois estava sem tempo, mas deixou o novo número do trabalho dele para que Ma ligasse. Naquele dia, Hye-jeon Park não pudera passar o telefone do amigo ao marido. Além de o filho ter ficado doente, naquela noite tudo estava confuso, sendo a dor estomacal de Ma a gota d'água. Hye-jeon Park procurou o telefone de Doo-yeon Baik na gaveta da sapateira e pensou que deveria entregar esse número a Ma naquele dia sem falta. “Não sei por que eu esqueço das coisas assim. Eu estava pensando nisso o tempo inteiro, para não esquecer”, refletiu Hye-jeon Park, achando tudo muito estranho.

Naquele fim de tarde, quem encontrou Ma voltando do barbeiro foi o motorista da loja de móveis, mas infelizmente Ma estava debaixo da roda de trás do caminhão. Inconsciente, Ma vomitou tudo o que tinha dentro dele. E no meio disso tudo podia se ver uma quantidade considerável de bucho que, por incrível que pareça, mantinha a forma original. Diziam que mesmo depois de ter perdido a consciência, pedaços de bucho continuavam a sair da boca de Ma. Hye-jeon Park recebeu a notícia enquanto penteava o cabelo. Assim, mais uma vez, ela não pôde entregar o número de Doo-yeon Baik a Ma.



— Me diz uma coisa, vocês não comem nada além de sopa de *doen-jang*, não é? O prédio inteiro sabe disso. E vocês nem usam máquina de lavar, usam? Dizem que é você quem lava tudo à mão. Nem água quente você pode usar. Do que é que adianta ganhar algum dinheiro e morar nesta porcaria de casa até morrer?

Tradução de HYO JEONG SUNG

